MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVII

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2019.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVII
Edição: Academia das Ciências de Lisboa
Impressão: Gráfica 99
Data de impressão: 2024
ISSN: 0378-116X
Depósito legal: 61370/92
DOI: https://doi.org/00000

António Sérgio – humanista e pedagogo visionário. (contributo, com numerosos elementos inéditos)

Matilde Sousa Franco

Em 1976, tive o enorme gosto de escutar na Academia das Ciências de Lisboa as cinco notáveis conferências do ciclo em Homenagem a António Sérgio (1883–1969), proferidas por António da Silveira, Joel Serrão, David Mourão-Ferreira, Henrique de Barahona Fernandes e Vasco Magalhães-Vilhena, amigos próximos do homenageado, os quais eu há muito conhecia da sua casa.

A publicação desses textos regista no início que António Sérgio é "uma das maiores figuras do Pensamento nacional"[1]

Joel Serrão dissertou sobre "O Lugar da História no Pensamento de António Sérgio"[2], chamou-o um Mestre e de acordo com o seu exemplo deu preciosos conselhos nessa área, especificando: "Só desse modo também poderemos atrever-nos à honra, tão pesada quão nobilitante, de descendermos dele."[3]

Acontece que tenho a pesada honra de duplamente descender de António Sérgio: sou sua sobrinha-neta, por sinal, a mais nova (nasci em 1943) entre dez sobrinhos-netos, a única que teve o privilégio de frequentar as tertúlias em sua casa, e a única com quem ele conversava frequentes vezes e a quem dedicava e oferecia livros; por outro lado, sou historiadora, e já quando fui aluna do curso de História (1962–1967), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fiz um trabalho sobre "António Sérgio Historiador", para a cadeira de "História de Portugal", regida pelo meu excelente Professor Jorge Borges de Macedo.

António Sérgio é considerado, por exemplo: pelo Padre Manuel Antunes (outro meu excelente professor), em 1955, "uma das mais poderosas capacidades intelectivas aparecidas em Portugal"[4], e, em 1971, "um dos maiores escritores de

---

[1] Homenagem a António Sérgio, Academia das Ciências de Lisboa., p. 7.

[2] *Ibidem*, pp. 45-52.

[3] *Ibidem*, p. 52.

[4] Carta do Padre Manuel Antunes para António Sérgio (que este me ofereceu, e publiquei), enviada do Seminário da Torre, em Soutelo, Braga, em 25 de Janeiro de 1955, in Matilde Sousa Franco "Portugal global.

ideias até hoje aparecidos em Portugal"[5]; por Fernando Piteira Santos (em 1983) "o maior pensador português"[6]; por Eduardo Abranches de Soveral (em 2000) "figura ainda hoje marcante na vida cultural portuguesa"[7].

Devo desde já apresentar dois essenciais esclarecimentos:

1) O título da minha comunicação "António Sérgio – Humanista e Pedagogo Visionário", dá a "visionário" o sentido daquele que formula novos problemas para os quais é preciso encontrar novas visões, daquele que descortina novos horizontes do mundo e do universo, e não o sentido de "ingénuo", "puro sonhador", "idealista", como alguns pretendem classificar Sérgio. (Agradeço ao Professor Fernando Paulo Baptista elementos sobre essas palavras). Aliás, o próprio António Sérgio defendeu-se dessas acusações, por exemplo nos seguintes termos: "a história dos progressos da nossa espécie humana é uma série de realizações de muitas obras árduas, … que vieram finalmente a efectivar-se um dia, depois de "sonhadas" pela imaginação "quimerista" de homens que me excederam no tal pendor "visionário"; … é essencial condição para que tais reformas surjam, que se tome consciência da necessidade delas … que é função que compete aos prosadores de ideias …"[8]

2) É bem sabido que António Sérgio gostava de "desfulanizar os problemas", era avesso a "nugas biográficas", "miudárias biográficas", mas os seus estudiosos têm apreciado as raríssimas alusões que ele próprio fez à sua vida.

Além disso, Sérgio "também praticou o gesto autobiográfico", o qual foi revelado, em 1990, por Daniel Hameline e António Nóvoa, em "Autobiografia Inédita de António Sérgio. Escrita aos 32 anos no Livre d' Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève)", tendo estes autores classificado esse texto "um documento autobiográfico do maior interesse"[9]

Assim, penso útil, enquanto sobrinha-neta e observadora privilegiada, ater-me, em primeiro lugar, em alguns elementos pessoais e familiares de António

---

Um inovador e pacificador conceito de "Museu da Interculturalidade" e Língua, Interculturalidade e Descobrimentos Portugueses como Património Mundial" …, pp. 922-923.

[5] Antunes, M., *Occasionalia. Homens e Ideias de Ontem e de Hoje*. Multinova, Lisboa, p. 160.

[6] Jornal de Letras, 26 de Abril de 1983.

[7] Soveral, E. A. de, *O Pensamento de António Sérgio*, p. 5.

[8] Sérgio, A., Cartas do Terceiro Homem, Carta 17, 2.ª série, p. 21, necessidade delas ... que é fun que se tome conscidia, depois de "ue v - S-se a todos os empirismos, de uma banda, e ao fantasi

[9] Daniel Hameline, António Nóvoa, Autobiografia inédita de António Sérgio, p. 141.

Sérgio, os quais testemunhei, documentei, longamente investiguei, ou soube de fonte fidedigna.

Uma passagem de António Sérgio, nos "Ensaios", tem-me animado a aventurar-me a novos oceanos (utilizando eu agora a linguagem náutica da sua formação e a qual amiúde ele lembrava): "Não trago o intento de te ser piloto; … Que quero, pois? — Inspirar-te o desejo de soltares amarras, de fugires do porto, de te aventurares, — se pertences à espécie dos que vieram ao mundo para singrar no oceano da procura livre, entre as rajadas contraditórias dos sistemas e das opiniões, com o horizonte limpo a todos os rumos e aberto à audácia da investigação … Pressinto — ó irmão mais novo e aventureiro! — a Viagem do Descobrimento que tentarás. Sejas tu feliz na tua audácia".[10]

As facetas de visionário Humanista e Pedagogo de António Sérgio foram os faróis e os ventos que me levaram à imensa ousadia de ter sido a autora de dois projectos, os quais apenas como homenagem ao meu primeiro e maior Mestre, António Sérgio, agora menciono e adiante julgo dever explicar:

a) primeira Cátedra UNESCO da Universidade de Lisboa "Educação para a Paz Global Sustentável", que teve por base a minha paixão por modernos estudos de Psicologia, Inteligência Emocional e Social. Só foi possível concretizar o projecto graças à Academia das Ciências de Lisboa.

b) Museu "Portugal Global", um inovador e pacificador conceito de "Museu da Interculturalidade", e Língua, interculturalidade e Descobrimentos portugueses como Património Mundial da UNESCO.

Em "No 40.º Aniversário da Morte de António Sérgio" ("Público", 30 de Janeiro de 2009), abordando a sua faceta de Humanista inovador, escrevi:

"A obra polifacetada deste Autor merece ser melhor analisada e valorizada porque tem grande actualidade e pioneirismo, por exemplo, quanto às modernas ciências da Inteligência Emocional e Social, estudadas por Daniel Goleman, António Damásio e tantos outros cientistas.

A razão, a emoção e o sentimento sempre foram indissociáveis em António Sérgio. Relembre-se a sua biografia publicada na Grande Enciclopédia Portuguesa

[10] Ensaios, II, Prefácio da Primeira Edição, 1928. Na edição de 1972, p. 19-20. Alicerçando-se a dimensão do ser humano, como símbolo maior do afecto humano, no coração ("cor"/"cordis"), lembremos que um dos mais antigos estudos de António Sérgio, em 1913, se chamou "Da Natureza da Affecção", e que ele próprio, seguindo os exemplos do pai e do avô paterno, que tanto admirava, foi um exemplo de cordialidade, afabilidade, mas também foi polemista, gostando de controvérsias dialogantes.

e Brasileira, que dirigiu: "Conciliação universalista da imaginação com a razão"… "Considerando-se modestamente um propedeuta da espiritualidade e timbrando de uma racionalidade que a muitos espíritos se afigura como índice de uma compleição adversa à imaginação e ao sentimento…". Desde 1969 Sérgio tem sido apoucado por lhe ter sido atribuído o "mito da razão".

Já em 1928, no II vol. dos "Ensaios", o próprio Sérgio se referia aos que guardavam "ojeriza ao perseguido autor", e de facto quem não é vítima de antipatias?…

Como nesta comunicação o enfoque é o Humanismo e a Educação em António Sérgio, pareceu-me interessante apresentar bastantes elementos, na quase totalidade inéditos, de aprendizagem prática que ele terá colhido a nível familiar, desde criança, pelo pai, pela memória do avô paterno, pela mãe, figuras que têm estado por desvendar, enfatizando eu que o importante não é a origem, por ilustre que seja, mas a Educação que desde cedo se recebe.

Revelo ainda numerosos elementos inéditos sobre a inteligente e culta mulher de António Sérgio, Luísa Estefânia Gerschey da Silva Sérgio (1879–1960), personalidade marcante, e permanente apoio afectivo, prático e cultural na sua vida ao longo de meio século (1910–1960), a qual o marido não religioso dizia ser santa.

1. ANTÓNIO SÉRGIO – ELEMENTOS PESSOAIS E FAMILIARES.

Há exactos 50 anos, 24 de Janeiro de 1969, cerca das 16 horas, um telefonema da minha mãe, fez-me sair mais cedo do meu 1.º , e muito interessante, trabalho na minha carreira profissional de conservadora de museus/museóloga, no setecentista Palácio do Correio-Mor em Loures; encontrava-me eu na ocasião na Baixa lisboeta, no escritório da "Cimobin"/depois "Alcácer", a empresa ligada ao Banco Borges & Irmão, proprietária desse monumento.

Apressei-me a voltar para o Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa, em São Domingos de Benfica, onde António Sérgio, meu sobre todos querido tio-avô, há muito agonizava.

Desde a véspera, António Sérgio piorara e conforme o pedido que me fora pessoalmente feito pelo seu grande amigo o Padre Manuel Antunes, para o avisar quando a morte estivesse mais perto, corri, com a cara banhada em lágrimas silenciosas, do quarto n.º 32, no 4.º piso, para o telefone mais próximo e consegui cumprir o prometido.

Regressei ao quarto e cerca das 19,30 h., assisti à morte, sem sofrimento e tranquila de António Sérgio.

Para mim, o Tio António Sérgio é um exemplo de Humanismo, Ética, de Homem e Cidadão exemplar, é, desde a minha infância, o meu herói, além do meu querido pai, pelo que a sua morte me foi particularmente dolorosa.

Conforme a imprensa em 1969 noticiou, António Sérgio foi acompanhado nos últimos momentos pelos meus pais, Engenheiro João Correia de Magalhães Figueiredo (1908–1994, o qual faleceu muito louvado e condecorado Coronel de Engenharia), e Carlota Matilde Sérgio Pessoa de Magalhães Figueiredo (1912–2006), e pela filha, que sou eu (nasci com o nome Maria Matilde Pessoa de Magalhães Figueiredo, e para ajudar à identificação, peço licença para indicar que tenho trabalhos publicados com 4 nomes: Matilde Pessoa Figueiredo/Sousa Franco, Matilde Pessoa Figueiredo, Matilde Tamagnini, Matilde Sousa Franco).

António Sérgio não teve filhos, tendo os seus descendentes mais directos sido os seus seis sobrinhos, dois Sérgio Torres Vaz Freire e quatro Sérgio Pessoa, e dez sobrinhos-netos, três Torres Vaz Freire e sete com os apelidos Pessoa Ferreira da Costa ou Pessoa Figueiredo ou Pessoa Figueiredo Sousa Franco ou Sérgio Pessoa, havendo actualmente numerosos descendentes de todos eles.

Ciente a família de que António Sérgio era considerado o líder da oposição não comunista a Salazar, revelo o debate familiar que houve quanto à ida, ou não, nos finais do ano de 1968, do Tio António Sérgio, para o Hospital da Cruz Vermelha.

O hospital, inaugurado em 1965, era indicado pelos médicos por na época ser talvez o mais bem apetrechado, o que foi evidentemente o factor decisivo para ser o escolhido.

Contudo, havia a constrangedora coincidência de então lá estar Salazar (no quarto 68, 6.º piso), com enorme movimentação de visitantes e jornalistas.

Recordo perfeitamente, e ainda não vi mencionado, que o Hospital da Cruz Vermelha se tornou então "sui generis" local onde afluíam visitantes situacionistas e oposicionistas do regime, que se cruzavam, e de onde jornalistas davam notícias desses dois doentes.

Como António Sérgio não era crente, o velório ocorreu na sua casa, em Lisboa, na Travessa do Moinho de Vento, n.º 4, à Estrela, junto à Rua de Buenos Aires (na época a freguesia era Lapa). O corpo foi no dia 24 colocado na sala, no rés-do-chão, à direita de quem entra no átrio.

Para as despedidas, que se prolongaram até dia 26, até à saída do funeral, pelas 12 horas, amigos e admiradores fizeram fila, durante o dia, à noite e madrugada fora, estendendo-se a fila pelo exterior da casa, pela Travessa do Moinho de Vento e pela Travessa Nova de S. Francisco de Borja.

No dia 26, o também emotivo funeral, perante largas centenas de pessoas, com vários discursos, realizou-se para o jazigo da família Sérgio, no Cemitério dos Prazeres, e ouviram-se muitos vivas à Liberdade e à Democracia.

A Câmara Municipal de Lisboa integrou depois esse jazigo, o n.º 1770, no publicado roteiro camarário dos "Grandes Homens" sepultados no cemitério, também por aí se encontrar o meu Tio-Avô Mestre Escultor João da Silva (1880–1960). Este Artista, considerado genial, logo premiado na Exposição Universal de Paris de 1900, e na Exposição Universal de Saint Louis (EUA) de 1904, foi o melhor aluno da Escola de Belas-Artes de Paris (1906). A sua obra multímoda, baseada na "actualidade do belo", tem quatro facetas: Escultor, Medalhista, Animalista e Cinzelador, e encontra-se em vários países. É o autor, por exemplo, das medalhas da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Portuguesa da História, da Academia Nacional de Belas-Artes, da espada de honra do Presidente da Academia das Ciências, a qual se encontra exposta à entrada do Salão Nobre desta Instituição, etc.

António Sérgio e João da Silva, além de cunhados, eram amigos íntimos. O Escritor dedicou-lhe "Em torno das ideias políticas de Camões". O Artista desenhou vários móveis para a casa do Escritor. O casal Pilar Sérgio da Silva e João da Silva era dos mais assíduos frequentadores das tertúlias dos sábados em casa de Luísa e António Sérgio.

Seja-me permitido confidenciar que António Sérgio, mesmo nos livros que me oferecia com dedicatórias, chamava-me "Alamoa", ou preferencialmente e mais de acordo com o seu modo de ser afectivo, "Alamoazinha"; explicava que o nome se devia não só ao meu tom claro de pele, mas também ao meu pensamento lógico.

Para mostrar agora, trouxe livros com dedicatórias do Tio António Sérgio, fotografias com ele, desde os meus três anos, postais que lhe escrevia e ele guardou no espólio.

Anoto que António Sérgio, com o ar brincalhão que fazia com as crianças, inventou uns sonoros "beijos de papagaio", com estalidos da língua, "beijos de

papagaio" que eu sempre lhe dava, mesmo na correspondência, endereçada ainda para o Hospital da Cruz Vermelha, semanas antes de ele falecer.

O Escritor, Filósofo, Pedagogo, etc., 3.º António Sérgio de Sousa, porque com o mesmo nome do pai e do avô, mas que só assinava António Sérgio, era irmão da minha Avó materna, Juliana Sérgio de Sousa Pessoa, a qual era a sua irmã mais nova. Eram cinco estes irmãos Sérgio, todos bem formados e inteligentes, destacando-se, evidentemente, a fulgurante inteligência de António.

António Sérgio dedicou pelo menos um dos seus textos ao avô paterno Vice-Almirante António Sérgio de Sousa, Visconde de Sérgio de Sousa (1809–1878), raríssimo caso de soldado e governador humanista. Era figura complexa e fascinante, a qual muito investiguei: os próprios colegas e documentação do Ministério da Marinha, chamam-lhe "humanitário soldado", "valente soldado", destacam-no pela "sua cordura", "afabilidade", "civilidade", "governo humano", e também por isso recebeu rasgados elogios, na Europa, em África, na América, na Ásia. Enquanto governador de Moçâmedes/Namibe, Angola e Macau distinguiu-se no combate ao tráfego humano, à escravatura, e essa actuação foi elogiada inclusivamente na Grã-Bretanha, no Parlamento, em 1851, e com a indicação do seu prório nome, no Emigration Board, em 2/11/1871.

De origem modesta, foi bem o exemplo da importância da Educação: herói liberal multi-condecorado, o original do seu busto, que julgo ser de autoria do escultor francês Anatole Calmels, foi executado no Palácio Nacional da Ajuda (1874), onde se encontra, e é a única escultura assinada por D. Luís, rei que muito o admirava e estimava. É dos raros retratos de um plebeu nas colecções reais, pois o título de visconde apenas lhe foi concedido em 31 de Julho de 1877.

O primeiro António Sérgio de Sousa era sobrinho-bisneto do Tenente General Bartolomeu da Costa (1731–1801), um dos sócios fundadores da Academia das Ciências de Lisboa.

Foi jovem herói no confronto que possibilitou colocar D. Maria II no trono, na Batalha do Cabo de São Vicente (1833), e aí um dos raros condecorados pelo inglês comandante da esquadra liberal Almirante Charles Napier, cuja estátua se destaca em Londres, em Trafalgar Square.

Foi fundador de Moçâmedes/Namibe (1849), governador-geral interino de Angola (1851–1854), governador-geral de Macau e Timor e Ministro Plenipotenciário junto dos Imperadores da China e do Japão e do Rei do Sião

(1868–1872), com inovadoras políticas, como os aterros que tanto beneficiaram Macau, possibilitando melhor navegabilidade, a sua expansão e modernização, tendo recebido provas de elevado apreço por todos os seus cargos.

Na Galeria dos Governadores de Macau, o Almirante Sérgio destacava-se como de longe o mais condecorado. Um sobrinho que teve como ajudante nos assuntos de Timor, foi depois aí governador, casou com uma senhora macaense, radicou-se em Macau, onde deu origem a numerosa e notável descendência.

Em 12 de Novembro de 1877, ao tomar posse como governador-geral do Estado da Índia, apresentou um programa de largos horizontes, e ainda conseguiu algumas concretizações, mas, com o seu humanismo, ao acudir a vítimas da cólera, foi vitimado pela epidemia, tendo falecido em Goa, a 3 de Maio de 1878.

Em Macau, onde apenas vinte anos antes o governador Ferreira do Amaral tinha sido assassinado, as suas humanistas medidas pioneiras a favor da população foram elogiadas por portugueses, chineses e ingleses, e granjearam-lhe pelos chineses tocantes manifestações de apreço, mesmo de afecto. Destas, destaco a oferta, datada de 12 de Novembro de 1869, de um maravilhoso biombo, feito em Cantão, verdadeira peça de museu, em madeira trabalhada, "double face", com painéis de seda bordados, com variados motivos e frases em chinês e em português, onde sobressai: "Ao Illm.º e Ex.º Conselheiro Vice-Almirante/António Sérgio de Souza/Governador de Macau e Timor,/ Offerecem respeitosamente este mimo os literatos e negociantes Chinas,/residentes nesta Colónia./Funccionario recto, probo, distincto em letras e armas,/ benigno, soffredor, talentoso e portuguez que ocupa aqui/o cargo mais eminente. Seu Governo é humano, seu trato/é delicado e a sua beneficência extende-se até aos Chinas".

Na casa de António Sérgio, este grande biombo, de 1,30 de altura, encontrava-se na sala, e o retrato a óleo deste seu avô sobressaia no escritório/biblioteca.

António Sérgio manifestava verdadeira veneração pelo pai, que várias vezes classificou de "homem excepcional".

O pai, também oficial da Armada, o Vice-Almirante António Sérgio de Sousa, Júnior (nasceu e faleceu em Lisboa, 1842–1906), era também inteligente, culto, simples, amigo dos humildes, respeitador das diferenças culturais. Era melómano, e na juventude, em Luanda, dirigiu um periódico mensal, "O Meteoro", dedicado ao estudo dos problemas económicos e administrativos de Angola.

Feitos os estudos, serviu em vários navios de guerra. De 1868 a 1869 foi ajudante do governador de Angola. De 1869 a 1872 foi ajudante do governador de Macau e Timor. Em 1878 governou o distrito de Diu e exerceu as funções de secretário-geral de seu pai, então governador do Estado da Índia (1877–1878). A seguir à morte de seu pai, fez parte do Conselho Governativo do Estado da Índia (3/5/1878–2/12/1878), com o Arcebispo Primaz de Goa D. Ayres de Ornelas e Vasconcellos, Tomás Nunes da Serra e Moura e ainda com Francisco Xavier Soares da Veiga. Depois, e até 1883, governou o distrito de Damão. Foi governador do recém-criado distrito do Congo de 1890 a 1894, ao qual deu notável impulso. Regressado à metrópole em 1894, teve vários trabalhos aqui e noutros continentes.

Foi do conselho de Sua Magestade, ajudante de campo honorário do rei D. Carlos. Foram-lhe dadas várias condecorações, entre as quais a comenda e grande oficialato de Avis, comendas de Cristo, de S. Lázaro de Itália e da Águia Vermelha da Prússia. Faleceu quando era Comandante do Corpo de Marinheiros da Armada, sediado no Quartel de Marinheiros, Praça da Armada, em Alcântara.

António Sérgio dizia que o pai o educara praticamente sozinho durante a infância, antes do seu ingresso na primeira instituição de ensino que frequentou, o Colégio Militar, aos 10 anos. Até então, Sérgio não conheceu escola.

É significativo que apesar de a mãe de António Sérgio, Ana Maria Salema Henriques de Brito Sérgio de Sousa (1855–1948), ter acompanhado a família inclusivamente no Congo, o filho nem a mencione na sua educação.

Ana, com o "petit nom" de Nica, nascida em Goa, de família luso-descendente, era, entre 12 filhos, a 11.ª, a preferida e muito mimada filha do General José Inácio de Brito, governador da Praça de Aguada, e de Juliana Luísa Salema Henriques de Brito. Nica, jovem viúva e sem filhos, casou em 1879, em Bombaim/Mumbai, com António Sérgio de Sousa Júnior. A mãe de António Sérgio, cuja beleza a destacava até em Lisboa, nas festas do Paço Real, gabava-se dos seus antepassados, fidalgos da casa real desde o séc. XIV (desde que Luís Henriques, viveu c. 1360 – c. 1425, citado por Fernão Lopes, fora herói do Cerco de Lisboa, e se destacara na Batalha de Aljubarrota, e D. João I lhe concedera o senhorio do Bombarral), e de entre os ilustres o seu bisavô ser o Brigadeiro Henrique Carlos Henriques (1730–1785), chamado "o último conquistador da Índia", "célebre general-almirante", (por ter sido, em terra e no mar, "Comandante da Acção" de "Novas Conquistas de Goa", as quais somaram cerca de 2.825 km^2 à área de cerca

de 786 km^2, que constituía o território das "Velhas Conquistas", existente desde o séc. XVI). Além deste ramo familiar, dos chamados "Henriques do Bombarral", Nica descendia, por duas vias, dos chamados "Henriques de Castela e das Alcáçovas", descendentes do rei de Castela, Henrique II.

A mãe de António Sérgio, de quem ainda me lembro, tinha fama de feitio difícil. Até falecer, aos 92 anos, manteve a descabida exigência de ser chamada "senhora viscondessa" (quando o marido jamais reivindicou o título de visconde), manteve a garridice de ostentar enorme trança, e a excentricidade de fumar charuto.

Nica sempre desaprovou que o filho não tenha querido ser apresentado à família real, nunca tendo compreendido que para o filho o importante era o desenvolvimento do seu País, e não o regime.

Lembre-se que António Sérgio gostava de elogiar, da Europa, o desenvolvimento dos Países Nórdicos, e que entre os seus muitos amigos, quase todos republicanos, também se encontrava, por exemplo, o ex-rei de Itália Umberto II.

A cuidada e vanguardista educação que o pai de António Sérgio, o 2.º António Sérgio de Sousa, propiciou, tornou as três primeiras filhas invulgarmente cultas, empreendedoras e autónomas, como será útil especificar, e em muito ajudou o próprio António Sérgio, como ele gostosamente acentuava.

A filha mais velha do meu bisavô, Maria da Conceição (1868–1949), conhecida como Maria, nasceu em Luanda, fruto da ligação que sendo solteiro, quando era ajudante do governador-geral de Angola, aí teve com Ana Joaquina do Amaral Gorgel Moreira. O pai é que desde sempre sozinho tomou conta da menina, cuja educação atenta e próxima constituiu para si uma prioridade; assim, a filha acompanhou-o nas missões de serviço, de 1869 a 1872, em Macau, de 1878 a 1884 na Índia, etc. Lembre-se que quando o pai casou, em 1879, com a minha bisavó Nica, a filha Maria era adolescente, mas o meu bisavô, exímio maestro da boa educação e da boa convivência, conseguiu que houvesse um excelente ambiente e sólida amizade, entre Maria, a madrasta e os quatro futuros irmãos, toda a família. Maria, pelo casamento (1891) com o latifundiário João Barreiros de Torres Vaz Freire (1851–1900), radicou-se em Évora; sempre conhecida como Maria Sérgio, tornou o seu grande solar setecentista da Rua da República, n.º 79, um verdadeiro e então único centro cultural da cidade, cujas actividades eram notícia da imprensa.

O meu bisavô, o 2.º António Sérgio de Sousa, do casamento com a minha bisavó Nica teve mais os seguintes quatro filhos:

- Maria do Pilar (1880–1960), conhecida como Pilar, nascida em Goa, pianista de mérito, que tocava com Viana da Mota, foi professora de música em Portugal e na Suíça; casou-se (1926) com o referido, e então já internacionalmente celebrado, Mestre Escultor João da Silva (1880–1960), de quem foi esteio cultural, tendo com ele vivido longamente em Paris.

- Matilde (1881–1961), nascida em Damão, casou-se (1907) com o Oficial de Marinha Capitão-de-Mar-e-Guerra António Alemão de Mendonça Cisneiros e Faria (1879–1946), Comendador da Ordem de Cristo, Grande Oficial da de Avis, tendo recebido a Legião de Honra de França e outras notáveis condecorações estrangeiras, comandante, por exemplo, do navio-escola Sagres e do navio que deu apoio à viagem aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral; Matilde viveu com o marido longamente no Reino Unido, e tornou-se rara e hábil mulher precursora investidora da Bolsa.

- António (1883–1969), nascido, a 3 de Setembro, também em Damão quando o pai aí era governador, que como nome literário adoptou António Sérgio e numa família com muitos Antónios, também familiarmente assim era conhecido, casou, em 1910, com Luísa Estefânia Gerschey da Silva, sobre a qual adiante devo dar muitos mais elementos, tal a importância que ela teve.

- Finalmente, em 1885, nasceu a minha Avó Juliana, em Bombaim, a qual, em perigo de vida, teve de crescer no clima mais ameno de Lisboa, tendo sido educada pelo tio paterno General José Sérgio de Sousa (1836–1907) e a sua mulher, Carlota Ferreira Maia Sérgio de Sousa, brasileira, nascida no Rio de Janeiro (1839–1929), educadores tradicionais, que não lhe deram as asas vanguardistas que os seus quatro irmãos tiveram; casou (1908) com o Coronel de Cavalaria Eduardo Augusto d' Oliveira Pessoa (1882–1956), Comendador da Ordem de Avis, medalhas de bons serviços, comportamento exemplar, etc, meu avô, que deu o nome a uma rua de Cascais. Juliana Sérgio de Sousa Pessoa morreu cedo, em 1935.

António Sérgio casou em Lisboa, a 14 de Junho de 1910, na capela da Nunciatura Apostólica da Santa Sé, com a católica Luísa Estefânia Gerschey da Silva, também inteligente, culta e bondosa, também inovadora pedagoga, que faleceu em 29 de Fevereiro de 1960, deixando o viúvo inconsolável e com uma depressão que lhe impediu o criativo trabalho intelectual até morrer.

Luísa nasceu em Lisboa, a 4 de Setembro de 1879, e faleceu também na capital, na sua casa. Segundo a sua vontade, foi sepultada no Cemitério dos Prazeres, no jazigo n.º 2937, o qual fora feito para a sua mãe, que a deixou órfã antes de completar 3 anos. Os pais de Luísa foram Manuel José da Silva (1854–1932), grande comerciante e industrial em diferentes países, natural de Lisboa, falecido no Rio de Janeiro, e a sua mulher Estefânia Gerschey, que em Lisboa nasceu, casou e faleceu. Este casal teve, em 1881, outro filho, João Cristiano Gershey da Silva, na família chamado "John da Silva", o qual se radicou em Londres.

O avô materno de Luísa, Francisco Gerschey, húngaro, viera para Portugal em 1836, na comitiva de D. Fernando de Saxe-Coburgo, e aqui casou. O violinista Augusto Gerschey (1853–1915), tio de Luísa, e outro músico contemporâneo, D. Fernando de Sousa Gerschey, tocavam no Palácio da Ajuda, mesmo em concertos privados para D. Luís.

Luísa teve cuidada educação em línguas, pintura, música. Os genes musicais talvez também a tenham ajudado a ser cantora e pianista elogiada. Em solteira, Luísa viajava muito com o abastado pai, sobretudo a Paris, onde acompanhava acontecimentos culturais, comprava vestidos nas casas de alta costura. De 1926 a 1932, viveu modestamente na Cidade Luz, com o marido exilado, e tendo o pai então graves dificuldades financeiras devidas à profunda crise internacional, Luísa, sem um queixume, fazia a lida doméstica, adaptou-se a tirar um curso de costura, para providenciar o vestuário do casal, enquanto ajudava António Sérgio nos trabalhos intelectuais.

Desde cedo, Luísa preocupou-se com a educação e problemas sociais, em mais uma profunda afinidade com o futuro noivo e marido. Assim, Luísa, em jovem, fundou em Lisboa "uma casa para a protecção das crianças pobres onde havia uma escola gratuita para 50 pequenos", a qual era dirigida por mestras que contratou. Depois do casamento, Luísa já não teve disponibilidades para prosseguir com esta obra, mas colaborou com instituições de cariz social, sobretudo com a Conferência de S. Vicente de Paulo, sediada na Basílica da Estrela.

Luísa falava fluentemente em Alemão e Francês, era tradutora e escritora, e muito ajudou o marido (também poliglota) em traduções, investigações, etc. Em 1902, com o pseudónimo Lakmé d' Avlis, publicou o romance "Um Momento no Paraíso" (imitação do alemão). Em 1915, publicou o fundamental livro "O Método Montessori", sobre o qual adiante devo apontar mais uns elementos.

Como pintora, Luísa dividiu-se entre os óleos sobre tela, com influências de Columbano e Malhoa, e a pintura sobre louça, tendo em 1907 sido citada por José Queirós no ainda hoje importante livro "Cerâmica Portuguesa".

As famílias de Luísa e de António Sérgio frequentavam os mesmos meios desde há gerações, conviviam amiúde, sobretudo em Lisboa e, nas férias, no solar setecentista dos Vargos, dos Sérgio, perto de Torres Novas.

Luísa já era amiga íntima das irmãs de António Sérgio muito antes de, em 1909, iniciar o namoro.

Sobre a casa propriedade de Luísa e António Sérgio, na Travessa do Moinho de Vento, n.º 4, e a sua vivência, principalmente sobre as tertúlias, fiz primeiras revelações em 1994, no Dicionário da História de Lisboa[11].

A casa, projectada pelo Arquitecto Raul Lino em 1923, ficou concluída em 1925, pouco antes do exílio de António Sérgio, em Paris. Amnistiado, e regressado a Portugal em 1933, depois de dar aulas em Santiago de Compostela, Sérgio mandou, anos depois, quando teve disponibilidade para tal, em 1939, ampliar e melhor iluminar, por meio de um envidraçado, o escritório/biblioteca. Esta essencial divisão situa-se no 1º andar, à direita de quem sobe a escada.

Na biblioteca, durante cerca de vinte anos, realizavam-se as célebres tertúlias dos Sábados à tarde, as quais juntavam uma vintena, ou mais, de entusiastas amigos, alguns dos quais da geração de António Sérgio, mas eram encontros intergeracionais. Por vezes, os partipantes já não tinham lugares sentados, e ocupavam ainda o patamar da escada. Procuravam-se ideias para melhorar o Mundo, havendo abertura a diferenças ideológicas, confessionais… Assim, a biblioteca/escritório tornou-se local emblemático, o âmago da casa.

Nas tertúlias dos Sábados, enquanto as conversas apenas abrandavam, a Tia Luísa servia sempre um chá e bolos, no mesmo local. Como era hábito na época, a menina da casa ajudava a servir o chá. A minha mãe, tratada como filha, desempenhava também esse papel e levava consigo outra menina, eu.

Tenho memórias desde os 3 anos e do encantamento crescente que os Tios Luísa e António Sérgio e essas tertúlias dos Sábados à tarde me provocavam, e provocavam em todos os que as frequentavam e as têm recordado.

António da Silveira, grande amigo e assíduo frequentador desde cerca de 1950, escreveu que António Sérgio era um "homem extraordinário" e que "aquela

[11] Franco, M. P. F. S., *Casa de António Sérgio*, pp. 221-224.

sala da sua biblioteca era um verdadeiro laboratório de ideias, um ginásio intelectual que ele animava a seu jeito e com preceito."[12].

Sabe-se que aos Domingos de manhã, António Sérgio reunia com jovens no rés-do-chão da sua casa, na sala.

Aos Domingos à tarde, muitas vezes também fazíamos visitas a casa dos tios, ou iam estes a casa dos meus pais, conforme fotos documentam em moradias com jardim, prédios que já não existem: em Lisboa, em São Domingos de Benfica, na Rua Alto dos Moinhos, nº. 10, ou em Cascais, na antiga Rua Direita, Rua Frederico Arouca, então com o n.º 85 (em frente da Rua da Saudade). Os Tios Luísa e António Sérgio vinham normalmente com os Tios Pilar e João da Silva e Matilde Cisneiros e Faria (há muito viúva), e deslocavam-se em transportes públicos.

Peço licença para evocar que cedo passei a tomar a iniciativa de frequentar a casa dos Tios Luísa e António Sérgio até várias vezes por semana: as conversas que tive com estes excepcionais tios, as leituras da obra sergiana e as consultas da sua biblioteca foram definitivamente marcantes.

A casa de António Sérgio foi a minha primeira Universidade, e quando fui Deputada Parlamentar, independente (2005-2009), é que melhor me apercebi aí ter sido também o meu primeiro Parlamento.

Depois do falecimento de António Sérgio, os sobrinhos, por não terem possibilidades financeiras para dar tornas, viram-se obrigados a vender a casa; o comprador prometera manter o imóvel, mas deixou-o ao abandono, e este foi ocupado e sofreu incêndios.

José-Augusto França lançou o mote contra a destruição da casa de António Sérgio em "Um crime que é preciso evitar: negativo! absurdo e criminoso!", no "Diário Popular", de 20 de Fevereiro de 1975. A campanha a favor da recuperação da casa durou de 1975 a 1983, tendo o "Diário Popular" publicado artigos nesse sentido, de numerosos sergianos, sob o título genérico de "Um Crime que é preciso evitar: a destruição da Casa de António Sérgio".

A casa foi expropriada e classificada Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 28/82, de 26 de Fevereiro. De 1983 a 1988, foram feitas grandes obras e desde 1988 o Instituto António Sérgio (actual Cooperativa António Sérgio para a Economia Social/CASES) realiza aí várias actividades.

---

[12] Silveira, A. da, Recordando António Sérgio …, Academia das Ciências de Lisboa, Homenagem a António Sérgio, pp. 13-43, encontrando-se estas citações, respectivamente, na p. 18 e p. 25.

Transcrevo do meu texto "Casa de António Sérgio", no "Dicionário da História de Lisboa": "(…) No guia "Lisboa – freguesia da Lapa", editado em 1992, escrevem a Dr.ª Maria Paula Alves e o Arquitecto Sérgio Infante sobre a casa de António Sérgio: "Apesar de estar classificada (…) foi completamente demolida e depois reconstruída, com a desculpa do mau estado de conservação e de manter, na reconstrução, a "traça primitiva". Sinais do pouco respeito pela substância física do original do testemunho arquitectónico, que lhe dava o carácter e a autenticidade fundamentais, para que se possa falar, com verdade, de conservação do Património. Substituiu-se um "original" por uma cópia mais "perfeita" que o original (…)". Atentemos nestas palavras. Afinal não se respeitou o projecto de Raul Lino, nem, o que seria mais importante, o essencial da ambiência desta casa histórica, pelo menos o escritório (…)"[13].

De facto, o imóvel foi classificado, de início sobretudo por ser a casa de António Sérgio, mas teve profundas alterações, inclusivamente foram diminuídas áreas de divisões, pelo que se tornou impossível imaginar, não só o quotidiano do proprietário, mas também as referidas concorridas tertúlias dos sábados na biblioteca/escritório, agora espaço diminuto.

Os livros da biblioteca (preciosamente anotados a lápis pelo Escritor) e a quase totalidade do imenso arquivo de António Sérgio, herança e pertença da família, estão, à guarda da CASES, depositados na casa da Travessa do Moinho de Vento, n.º 4, e aí podem ser consultados.

António Sérgio ofereceu em vida alguns elementos do seu arquivo e biblioteca, como também tive essa honra, pelo que esse espólio foi doado à Biblioteca Nacional de Portugal, onde pode ser consultado.

2. ALGUNS ASPECTOS DOS VISIONÁRIOS HUMANISMO E PEDAGOGIA DE ANTÓNIO SÉRGIO

Das numerosas conversas com António Sérgio, logo desde a minha infância, recordo sobretudo a sua insistência em sermos mais Humanistas, em haver mais e verdadeiro Humanismo, a sua urgência em, de forma prática, se humanizar o Homem, a sociedade, a fim de esta ser melhor.

[13] Franco, M. P. F. de S., *Casa de António Sérgio*, op. cit., pp. 223-224.

Veementemente, insistia também numa Pedagogia que tivesse esse enfoque e na importância essencial da Educação.

Das muitas obras de Sérgio e de outros autores sobre Humanismo e Pedagogia, sendo eu mera amadora sobre estes assuntos, apresento de Sérgio apenas uns aspectos muito parcelares, pedindo a benevolência dos especialistas.

Não cansarei com as imensas possíveis citações de Sérgio, citando apenas:

"(…) Não é a excelência dos governos que faz a grandeza dos grandes povos nestes tempos democráticos, senão que os povos bem educados fazem a própria felicidade, e a excelência dos seus governos". ("O problema da Cultura e o isolamento dos povos peninsulares" (1914).

"(…) Chegou a hora de nos perguntarmos para onde realmente queríamos ir; se concebíamos acaso ideias justas sobre o Progresso, a Economia, a Ciência e a Política, a Liberdade e a Educação. Se não seria quimérico atribuir à política os males que provinham de uma civilização inteira. É esse problema importantíssimo e o mais actual de todos os problemas (…)" ("Ensaios", V).

"Sou um simples humanista; sou um místico racionalista" ("Cartas do Terceiro Homem" – 2.ª Série).

As palavras Educação, Humanismo e afins proliferam na obra sergiana, mas devo anotar que inclusivamente no prefácio à primeira edição dos "Ensaios" (1920), o autor até em poucas linhas em tal insiste: "(…) Entendamo-nos. Fala um adversário obstinado de toda superstição pela antiguidade, de toda identificação do humanismo com os estudos a que se chama "clássicos" (divergindo, pois, por maneira nítida, dos neoclássicos da França de hoje). Classicismo, aqui, não deve entender-se por estudar latim, ou imitar Gregos e Romanos; não é ser conservador nem reaccionário: é ver que se o sentimento e a inspiração são os primeiros factores de toda arte, somente a Razão lhe dá a estrutura, a solidez, a força; que só ela, na nossa alma, define o progresso e o humanismo, a justiça e a civilização. O classicismo, para nós, é a humanista reivindicação dos direitos preeminentes, não do indivíduo, mas da pessoa (no significado que entre os filósofos se costuma dar a esta palavra; no de homem capaz de se elevar ao espírito, ao ponto de vista do universal) (…)". Este longo prefácio termina, qual palavra-chave, em "humanístico" ("Ensaios", I, p. 59).

A "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", que Sérgio dirigiu e onde colaborou, especifica "o Humanismo é mais propriamente o culto das formas

estéticas do mundo clássico ao passo que o Renascimento é, sobretudo, o culto das suas normas éticas. Isto quanto ao carácter dominante de tais movimentos. Mas porque é natural que um influa no outro e topemos muito humanista interessado por mais alguma coisa do que a forma pura", compreende que o filósofo e teólogo dinamarquês Hoffding (1843–1931) tenha considerado o Humanismo não "apenas uma tendência literária, uma escola de filólogos, mas também uma direcção de vida, caracterizada pelo interesse que se confere ao elemento humano, como objecto de observação e como fundamento de acção". (volume 13, p. 420).

Penso que é este humanismo que Sérgio desenvolve, recria, no inovador "Humanismo Criativo".

Henrique de Barahona Fernandes (1907–1992), em 1976, na referida homenagem da Academia das Ciências, fez a conferência, que julgo fulcral na temática de hoje, "Da Psicologia para a Epistemologia – o Humanismo Criativo de António Sérgio"[14].

O autor, então reitor da Universidade de Lisboa, professor inovador de Psiquiatria e Psicologia da Faculdade de Medicina, e antigo, grande e próximo amigo de Sérgio, além de ser dos mais presentes nas tertúlias, considera este "o mais notável ensaísta português, crítico lucidíssimo e pedagogista original, intelecto criativo de novas vias de pensar racional — esse homem de atitude espiritual e posição de combate, sem par entre os seus contemporâneos …"[15].

Barahona Fernandes, que tão profundamente conheceu Sérgio e a sua obra, escreve ele ser "o único modelo original português de reflexão filosófica com plena actualidade pela sua amplitude e coerência. — Ou seja: um conjunto coerente de reflexões críticas na literatura, na pedagogia, na história, na sociologia, economia e política — fundamentando-se numa fina análise psicológica e gnoseológica do saber e apreciação valorativa dos acontecimentos e do seu sentido social. Tentaremos, no curto tempo de que dispomos, compreender esta sua posição espiritual como o trânsito reflectido da psicologia para a gnoseologia — até à actual epistemologia — valorado à luz da ética e aplicado ao humano. O inteligir lúcido e claro para melhor explicar o saber humano e para

[14] Fernandes, H. B., *Homenagem a António Sérgio*, Academia das Ciências, pp. 71-122.
[15] *Ibidem*, p. 72.

melhor compreender os aconteceres históricos e sociais dos portugueses e do nosso País — uma atitude de pedagogia activa, pela melhor qualidade do humano e da sociedade. Numa palavra: da análise psicológica do intelecto para a epistemologia das ciências, em especial das ciências humanas, constituindo, de modo originalíssimo, uma nova forma do que chamaremos: humanismo criativo"[16].

O autor volta "a afirmar — mais do que a sua filosofia e prestígio sócio-político — foi o humanismo de SÉRGIO que nos atraiu e prendeu[17], e a lembrar "a bem conhecida frase do nosso pensador: "O que importa verdadeiramente nesta época é a obra prática de humanizar o Homem"[18].

Sobre Sérgio, Barahona Fernandes afirma que "em todas as obras pedagógicas há referências psicológicas", e insiste na "produtividade genial", "excepcional inteligência", "racionalidade luminosa de SÉRGIO", chama-lhe "o homem completo", "apóstolo da pedagogia na base do melhor conhecimento psicológico dos homens", "pedagogista original", considera-o "o espírito de maior universalidade do seu tempo", de quem "ficaram novas ideias, expressas ou latentes, para o projecto de uma autêntica Universidade do futuro — uma Universidade aberta e criativa do progresso social e económico e promotora da dignificação da cultura dos homens… de vida espiritual. Compreendemos da seguinte forma essa sua mensagem prospectiva: — o educar aliado ao investigar, em criatividade espontânea e aplicação às comunidades humanas — liberando a personalidade, dignificando o homem e contribuindo para a produção da riqueza — a criação dos meios de uma melhor forma de vida sócio-económica e dos meios de uma mais alta qualidade existir humano mais justo, mais verdadeiro, mais digno e mais belo. Em suma — um humanismo criativo."

Este professor explica outra vez que Sérgio actuou "em linhas distintas, peculiares — fora de qualquer ortodoxia ideológica partidária — autenticamente original e criativo — a sua campanha de inovação pedagógica e o seu apostolado em prol do cooperativismo, a sua defesa de uma forma superior de

[16] *Ibidem*, p. 77.
[17] *Ibidem*, p. 87.
[18] *Ibidem*, p. 88.

democracia. Daí o designarmos esta sua posição basicamente activa, como Humanismo criativo."[19].

Barahona Fernandes lamenta: "Apesar da originalidade e amplitude desta sua forma de racionalismo, opondo-se a todos os empirismos, de uma banda, e ao fantasiar espiritualista, por outra, e ao intuir psicologista, ainda por outra — SÉRGIO foi então e continua a ser taxado de "idealista" sem mais especificação."[20].

O então reitor universitário menciona as "utopias" fantasiosas e quiméricas de que Sérgio foi acusado, para defender a actualidade do seu pensamento: "Pendemos a crer que pelo menos no campo conceptual — do racionalismo crítico e do humanismo criativo, a obra de SÉRGIO permanece viva e fecunda! E também no campo sócio-político e económico — a sua defesa da democracia e do cooperativismo".

Em prol também da actualidade do pensamento sergiano, e como muitos outros sergianos e não só, tenho procurado refutar essas acusações de utopias fantasiosas. Assim o fiz, por exemplo, na comunicação sob o título "António Sérgio e o 4.º Nobre Vector da Utopia Sergiana: Fraternidade e Amor ao Próximo", que apresentei, em 2016, num congresso internacional, na Fundação Calouste Gulbenkian[21].

Inspirei-me para essa comunicação no estudo (de 1983) "Três Nobres Vectores da Utopia Sergiana" de outro grande e próximo amigo de Sérgio, Henrique de Barros. Este autor considera esses três vectores serem: 1- a crença na viabilidade tecnológica da abundância produtiva; 2- o cooperativismo; 3- a democratização[22].

O decorrer dos acontecimentos e argumentos que em 2016 colhi inclusivamente na ONU, evidenciam que, também nestas áreas, Sérgio teve razão antes do tempo, abriu caminhos, e é extremamente actual.

O "Dicionário de Educadores Portugueses", dirigido por António Nóvoa, refere a propósito de António Sérgio que "o essencial do seu ideário pedagógico" se construiu no "verdadeiro epicentro da Educação Nova": o Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, que Luísa e António Sérgio frequentaram, em 1914–1916.

---

[19] *Ibidem*, pp. 116-117.

[20] *Ibidem*, p. 104.

[21] Franco, M.S., "Utopia da fraternidade universal em Rainha Santa, Festas do Espírito Santo e António Sérgio", Separata de Utopia Global do Espírito Santo, vol. III, pp. 1-52.

[22] Barros, H., Revista de História das Ideias, n.º 5, 1.º vol., pp. 385-402.

Saliente-se que esse instituto, onde se dava especial atenção aos estudos de psicologia infantil, era recentíssimo, fundado em 1912.

Naturalmente, em Portugal, foi depois de 1974 que se verificou o desenvolvimento de políticas educativas que invocam herança sergiana. Contudo, Sérgio, já em 1914, confessava que a sua "revolução" era "a revolução pedagógica"[23].

Revelei em 1983, através da Universidade de Coimbra, um notável conjunto de 173 cartas da juventude de Luísa e António Sérgio, datadas de entre Outubro de 1902 e Abril de 1910[24].

Estas cartas são elemento essencial para o estudo da génese do pensamento sergiano, inclusivamente até já da sua Pedagogia.

António Sérgio explicava essa sua Pedagogia e aplicava-a a Luísa, para que os noivos intelectualmente se aproximassem um do outro, o que também é vanguardista.

Nestas cartas colhem-se outras valiosas informações, como a de datar de 1909 a amizade entre Sérgio e Henrique Jardim de Vilhena, o autor, em 1954, do Relatório em prol da sua entrada na Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, a qual não se concretizou.

Em 1915, surgiram duas emblemáticas obras: de António Sérgio "Educação Cívica", e de Luísa Sérgio "O Método Montessori". Segundo o artigo sobre António Sérgio da Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, a publicação de Luísa Sérgio "revelou este método em Portugal". Sublinhe-se que o Método Montessori está apenas agora a ser melhor implementado em Portugal, mais de um século depois, quando há muito o é noutros países! Tenho desde há anos divulgado esta obra de Luísa Sérgio, e procurado que se reedite "O Método Montessori".

Em 2015, a CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social fez uma 4.ª edição da "Educação Cívica", chamada Edição do Centenário, onde escrevi: "Modernidade de António Sérgio.

Das memórias de menina com o meu Tio-Avô António Sérgio, sublinho as tertúlias dos Sábados à tarde em sua casa, e passeios no jardim; ele comparava o educador a um jardineiro, que, de forma diferente deve encaminhar as diversas

[23] Dicionário de Educadores Portugueses (Dir. António Nóvoa), p. 1299.

[24] Franco, M. P. F. S., Da Juventude de António Sérgio. Algumas cartas inéditas, Revista de História das Ideias, n.º 5, 2.º vol., pp. 785-937.

aptidões, enfatizando a importância da educação no progresso da sociedade e a necessidade de sermos sempre actuais. No centenário da "Educação Cívica", verificam-se pressupostos seus por exemplo na educação finlandesa, guindada ao top mundial nos testes do PISA conduzidos pela OCDE. Especialistas portugueses e estrangeiros têm notado a modernidade de António Sérgio também em outras áreas, pelo que urge aprofundar o estudo da sua polifacetada obra e divulgá-la mais."

Ainda com influência de Genebra, o casal Sérgio publicou, em 1919, a inovadora obra "Contribuição para o estabelecimento de uma escala de pontos dos níveis mentais das crianças portuguesas", progresso sobre a escala de Binet, a qual ainda agora os especialistas consideram "muito importante para desenvolver no nosso país estudos científicos de psicologia infantil."

António Sérgio aceitou, em 1923, a pasta da Instrução Pública no Ministério reformador de Álvaro de Castro, com o objectivo de fundar uma inovadora "Junta Propulsora dos Estudos", cujo projecto concebera em 1913.

Essa Junta concederia bolsas de estudo no estrangeiro que prepararíam um escol científico e pedagógico, fundaria escolas de ensaio — ou experimentais — de ensino infantil, primário, primário superior e liceal, e institutos de investigação científica, onde trabalhariam os seus ex-bolseiros.

Como não conseguiu que o seu projecto se concretizasse, Sérgio demitiu-se do Ministério passados dois meses, mas ,entretanto, assinalou essa passagem sobretudo com a pioneira fundação do Instituto Português de Oncologia.

O inovador pensamento pedagógico de António Sérgio é considerado situar-se sobretudo entre 1914 e 1918, curiosamente os anos que durou a I Grande Grande Guerra.

Com o eclodir da II Guerra Mundial, muitos entusiastas da Educação Nova esmoreceram, pois não conseguiram um dos principais objectivos, a Paz.

No entanto, numerosas sementes foram sendo lançadas e têm germinado.

Penso que duas dessas sementinhas germinaram na minha cabeça, onde António Sérgio as tinha lançado, e elas "farolizaram" (como dizia Sérgio) o seguinte, que peço a benevolência para explicitar, apenas pela importância da sua génese sergiana.

3. AS MINHAS DUAS MAIORES HERANÇAS SERGIANAS, OS MEUS PROJECTOS: CÁTEDRA "EDUCAÇÃO PARA A PAZ GLOBAL SUSTENTÁVEL", A 1.ª CÁTEDRA UNESCO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA; MUSEU "PORTUGAL GLOBAL", DA INTERCULTURALIDADE, PROPICIADOR DE PAZ, JÁ APOIADO "COM O MAIOR ENTUSIASMO" PELA ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

3.1. Cátedra UNESCO "educação para a paz global sustentável".

Desde jovem, sou apaixonada por Psicologia (outra influência sergiana). Logo desde os anos 1990, também o sou pela então nascente Psicologia Positiva, "o estudo científico do funcionamento humano óptimo", com a descoberta de o nosso êxito depender 80 % do Quociente Emocional, a gestão das emoções poder ser ensinada e sempre melhorada ao longo da vida e essa aprendizagem ser essencial para a felicidade e a Paz, etc.

No meu atrás mencionado texto "No 40.º aniversário da morte de António Sérgio" ("Público", 30/1/2009), sublinhei o pioneirismo do homenageado também quanto às modernas Ciências da Inteligência Emocional e Social.

Na sequência da conferência de 2005, em que pela primeira vez sugeri que, para combater a violência, é essencial a prevenção através da Educação e da Psicologia Positiva, apresentei este projecto em várias ocasiões e publicações (vide textos, na Bibliografia).

Assim, terminei o discurso de despedida enquanto deputada parlamentar (Diário da Assembleia da República, I Série, N.º 105, 24 de Julho de 2009, pp. 50-52): "(…) Constantemente insisti, supliquei, para que Portugal dê exemplos mundiais em várias áreas de humanismo, para que o século XXI seja, finalmente, o "Século dos Direitos Humanos".

A área em que mais tenho insistido é a do humanismo na pedagogia, com a sugestão inovadora que faço desde 2005 — e aqui na Assembleia da República, desde 2007 —, para a criação, do 1.º ao 12.º ano da escolaridade, de uma cadeira obrigatória a que dei o apelativo nome de "Educação para a Felicidade", a qual terá por base a moderna ciência da inteligência emocional e social…

A referida cadeira deve ter componentes como ética, a saúde, primeiros socorros, nutrição, sexualidade, modo de gerir o quotidiano, alegrias, frustrações,

desgostos, educação contra a violência, educação para a preservação do meio ambiente e do património cultural, normas de segurança, educação para a cidadania (em moldes mais actuais), fazendo com que haja maior tolerância, mais diálogo, intercultural e mais paz. Nunca fiz viagens pagas pelo Parlamento, mas farei, assim, a única que me interessa: ao Portugal do futuro, como referência mundial dos direitos humanos, da paz e do amor".

Em 2015, intitulei "No Centenário da "Educação Cívica" de António Sérgio, proposta de "Educação para a Felicidade", a comunicação na homenagem ao Mestre.

O meu projecto educativo tem três pilares: 1- o essencial ensino da gestão das emoções ser ministrado de forma sistemática às crianças, desde a mais tenra idade e ao longo de toda a escolaridade; 2- esse ensino ser acessível para adultos, mesmo com carências económicas/financeiras; 3- serem criados prémios que distingam pessoas, instituições, projectos, os quais privilegiem o diálogo e a paz. Sugeri que a atribuição de prémios se iniciasse por projectos de arquitectura/urbanismo que não façam guetos, mas promovam a funcionalidade, harmonia, beleza, o diálogo, facilitem a vida quotidiana, proporcionem prazer estético, sejam construtores de felicidade e Paz.

Sublinho que, de 2005 a 2016, dos milhares de pessoas a quem expus este sonho, houve uma única que me incentivou a não desistir, o meu excelente professor de Filosofia da Faculdade de Letras, Professor Padre Joaquim Cerqueira Gonçalves.

Finalmente, em 2016, o projecto recebeu os apoios decisivos, que indico por ordem cronológica: Presidente da República Professor Marcelo Rebelo de Sousa; Director de Educação no Centro de Psicologia Positiva da Universidade de Pensilvânia Professor James Pawelski; o então Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa Professor Adriano Moreira (que me deu a honra de me convidar a integrar essa Instituição como colaboradora); e a então Secretária-Geral da Academia das Ciências de Lisboa Professora Maria Salomé Pais, a qual pôs em marcha a concretização do projecto, sugeriu o formato de cátedra UNESCO, e depois deu permanente e precioso apoio.

Sem dúvida, a Academia das Ciências de Lisboa foi o "berço" da primeira Cátedra UNESCO da Universidade de Lisboa e o então Presidente Professor Artur Anselmo também logo apoiou o projecto, assim como outros Académicos.

Logo desde o início, tivemos a colaboração do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Em Julho de 2016, chamámos a Coordenadora do Executive Master em Psicologia Positiva Aplicada, a Professora Auxiliar do ISCSP Helena Marujo, que não conhecíamos.

No início de Janeiro de 2017, dei conhecimento do projecto ao Engenheiro António Guterres, que apesar de ter acabado de tomar posse como Secretário-Geral da ONU, de imediato o apoiou.

Ao longo de cerca de um ano, fiz centenas de contactos pessoais, por email, telefonemas, e consegui apoios para a Cátedra de numerosas outras Personalidades e Entidades do maior prestígio, em Portugal e em todos os continentes, tendo privilegiado os Países da CPLP.

A Cátedra UNESCO, por definição, "promove a cooperação e partilha interuniversitária" através da "partilha do conhecimento e do trabalho em colaboração".

A Cátedra foi aprovada pela UNESCO em Agosto de 2017 e lançada oficialmente em 21 de Setembro de 2018.

"Urge cultivar a Paz em nós e no Mundo" é o título da minha comunicação nessa cerimónia, a qual foi nesse dia divulgada pelo jornal online "Observador". (Vide na Bibliografia).

O Professor Adriano Moreira deu-me a honra de solicitar o texto para publicação.

O projecto foi em parte concretizado, mas logo de início se pediram melhorias a introduzir na Cátedra "UNESCO — Educação para a Paz Global Sustentável"[25].

---

[25] Deveriam ser sobretudo duas, as melhorias a introduzir na Cátedra "UNESCO – Educação para a Paz Global Sustentável", tendo em atenção que o projecto é essencialmente educativo, o que coincide com a área prioritária da UNESCO, e na medida em que as cátedras da UNESCO devem, por definição, "promover a cooperação e partilha interuniversitária, a fim de reforçar as capacidades institucionais através da partilha do conhecimento e do trabalho em colaboração": a) inclusão de mais duas instituições também da Universidade de Lisboa — o Instituto de Educação e a Faculdade de Psicologia —, fazendo a sua articulação com o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); não obstante isso, o ISCSP concentrou tudo em si; b) criação de uma comissão científica, alargamento da comissão executiva, e variação da lista de consultores — deveria passar a haver uma comissão científica, que não existe, e uma mais alargada comissão executiva, abrangendo sobretudo professores das referidas três faculdades. Tal foi proposto, na Academia das Ciências de Lisboa, pela então Secretária-Geral, Professora Maria Salomé Pais, e pela autora do projecto, Dr.ª Matilde Sousa Franco, em 9 de Janeiro de 2019, o que por escrito foi aceite pela coordenadora da Cátedra, Professora Helena Marujo. Estes meus dois últimos conceitos, que introduzi na década de 1990 no meu projecto museológico Portugal Global, já foram, quase três décadas mais tarde, em 11 de Maio de 2018, incluídos pela maior organização

3.2. O museu "Portugal Global", e língua, interculturalidade e descobrimentos portugueses como património mundial

O meu projecto do Museu "Portugal Global"/"Museu da Interculturalidade de Origem Portuguesa", propiciador de paz, já foi apoiado, até "com o maior entusiasmo", repetindo eu aqui os exactos termos da presidente da Academia Portuguesa da História, no ofício 21.GD.2018, Proc. 6.2, de 27 de Março de 2018: "(…) tenho o gosto de comunicar que, conforme decisão do Conselho Académico, é com o maior entusiasmo que esta Academia aceita colaborar no projecto de criação do "Museu da Interculturalidade". (Vide na Bibiografia, publicações a propósito).

Há cerca de 40 anos, defendo a criação, em Portugal, de um Museu dedicado aos Descobrimentos/Descobertas, ideia que desde o séc. XIX tem tido numerosos defensores.

A minha ideia evoluiu ao longo das décadas, com três pioneirismos: maior abrangência geográfica e temporal, encontro de culturas, e o museu como construtor de paz.

Desde o início da década de 1980, quando fui directora do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, defendo o primeiro objectivo, a maior abrangência, no espaço e no tempo.

Desde a década de 1990, introduzi neste projecto museológico dois pioneiros conceitos, por mim idealizados: uma museologia/patrimologia multicultural/depois aperfeiçoada em intercultural, com enfoque no diálogo entre culturas, e uma museologia com objectivos de paz, construtora de paz, através sobretudo desse diálogo intercultural.

De facto, o filósofo Jacques Demorgon, considerado, no início da década de 1990, o autor da "Invenção do Intercultural", afirma "o intercultural é o motor de evolução das sociedades", o que deu origem ao meu projecto Museu da Interculturalidade de Origem Portuguesa.

Desde 19 de Junho de 2018, dei a este projecto a designação mais objectiva e funcional de Museu Portugal Global, que tem obtido unânime aprovação e aplauso.

---

mundial de museus, o International Council of Museums (ICOM) UNESCO (apenas a secção da Europa) e pela Federação Mundial de Amigos de Museus ("Declaração do Funchal").

Museu Portugal Global de imediato evoca o incontroverso e honroso facto de Portugal ter sido o autor da primeira globalização, e a mim evoca-me ainda as lições de universalismo que desde menina escutei nas mencionadas tertúlias em casa de António Sérgio, as lições directas do próprio Mestre, leituras da sua obra.

O espaço, tempo e conteúdos do Museu Portugal Global são, não só Portugal, principalmente dos séculos XV/XVI/XVII, nos diferentes continentes, mas também, e enfaticamente, o intercâmbio comercial, linguístico, cultural, etc. proporcionados, e a "Portugalidade", que adiante se explica.

É evidente que o império português também foi colonialista e racista, mas há muitas mais realidades a considerar, e penso que na ocasião do seu fim, com a passagem de Macau para a China, em Dezembro de 1999, uma boa síntese dessa problemática foi destacada pela revista "Time", num artigo de Tony Emerson, intitulado "The Unimperial Empire. For richer or poorer, the Portuguese were different".

Lembro a frase "eu amo a Portugalidade" do Embaixador cabo-verdiano Onésimo Silveira (1935–2021), considerado dos mais proeminentes membros da elite cultural do seu país, que foi diplomata por exemplo em Portugal, Angola e Moçambique.

Por "Portugalidade" entenda-se a criação e manutenção sobretudo de laços de afecto e familiares entre as mais diversas pessoas das mais diferentes partes do mundo.

Na Academia das Ciências de Lisboa, a 10 de Julho de 2018, no Colóquio "Unidade e Diversidade da Língua Portuguesa", o Professor Adriano Moreira sugeriu a classificação da Língua portuguesa como Património Mundial, e na ocasião solicitei que houvesse então, igualmente, uma classificação conjunta da Língua, Interculturalidade e dos Descobrimentos portugueses como Património Mundial. Como tal foi bem aceite e o então presidente da Academia, Professor Artur Anselmo, concordou no sentido de se avançar com o projecto, houve uma primeira reunião passados dias, a 13 de Julho, mas o assunto é evidentemente muito complexo, havendo um gigantesco trabalho a fazer! (Vide, na Bibliografia, o meu texto de 18 de Julho de 2018, e outros relacionados com esta temática).

CONCLUSÃO

Em 2004, no encerramento do marcante Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção, o Professor António Braz Teixeira, representante da Comissão Científica do Colóquio, afirmou António Sérgio ser "um raro exemplo de tenaz e dedicada acção em prol dos mais altos valores do Espírito", e haver "urgente necessidade cultural" da publicação da sua obra completa.

Mais uma vez, exprimo o meu imenso desejo ser também a publicação da Obra Completa de António Sérgio.

Assim, peço licença para:

a) Lembrar que: todos os manuscritos de António Sérgio, muitos inéditos, estão conservados na sua casa (na Travessa do Moinho de Vento, n.º 4, em Lisboa, à guarda da CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social), e na Biblioteca Nacional de Portugal, conforme atrás indiquei; A. Campos Matos, em 1983, publicou a detalhada "Bibliografia"de António Sérgio, que adiante cito; a publicação da Obra Completa de António Sérgio foi iniciada c.erca de 1970, mas infelizmente pouco depois não prosseguiu…

b) Sugerir que: a primeira publicação seja a 2.ª edição da "Antígona". De facto, António Sérgio mencionou várias vezes o gosto que punha na frequente reescrita para esta projectada nova edição: "a luta… pela dignidade do espírito, pela libertação do intelecto, é que é o tema de base desta minha "Antígona", que considerava "o testamento social de um devaneador sem emenda", "uma espécie de sermão de um moralista cívico".

É interessante recordar que a 1.ª edição da "Antígona" de António Sérgio data de 1930 e apenas catorze anos mais tarde começaram a ser publicadas as Antígonas de Jean Anouilh (1944), José Maria Pemán (1945), Júlio Dantas (1946), Bertolt Brecht (1948), António Pedro (1954).

Recebi do próprio Autor e dei à Biblioteca Nacional os muitos manuscritos inéditos para uma segunda edição, revista, da tragédia "Antígona".

António Sérgio é ele próprio, como detalhámos, não só conceptualmente um universalista, mas um exemplo de "Portugalidade", com raízes e laços de afecto dispersos por diferentes continentes, o que convida à Paz: nasceu na Índia, cresceu em África, radicou-se na Europa, tem parentes europeus, asiáticos (da Índia e de Macau), muitos dos quais se espalharam pelo Mundo.

A divulgação da obra de António Sérgio permite um maior conhecimento Humanista, que muito pode contribuir para a Paz.

Haja Esperança, na conjugação de vontades no sentido da publicação da sua obra completa, tendo em atenção que António Sérgio é, limitando-me eu agora a repetir as palavras da Academia das Ciências de Lisboa, que de início citei, "uma das maiores figuras do Pensamento nacional."

António Sérgio teria particularmente apreciado esta notável Homenagem de hoje, e muito agradeço o honroso convite para vir aqui falar.

Muito obrigada!

(Comunicação apresentada no colóquio de evocação de António Sérgio, por ocasião do cinquentenário da sua morte na sessão de 24 de janeiro de 2019)

ALGUMA BIBLIOGRAFIA

Alves, M. P. & Infante, S., Lisboa. Freguesia da Lapa. Lisboa, Guias Contexto. 1992.

Anselmo, A., Em torno de uma ideia feita: o "Reino Cadaveroso", *Actas do Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. II, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, p. 285-294.

Araújo, L. De, "António Sérgio: tópicos de um pensamento actual". *Actas do Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção,* Vol. I., Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, p. 243-250.

Baltazar, I., Pioneiras. Matilde Sousa Franco. Caminhos de uma vida invulgar. Faces de Eva. Revista de Estudos sobre a Mulher, n.º 38, Lisboa, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2017, pp. 175-180.

Baptista, J., *Pela Liberdade da Inteligência*. Lisboa, Edições Colibri, 2001.

Branco, J. O., *O Humanismo Crítico de António Sérgio*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1986.

Carvalho, J. De M. De, *António Sérgio, a obra e o homem, Lisboa*. Editora Arcádia, S.A.R.L., 1979.

Cunha, J. T. da, "António Sérgio: a doutrina ética dos Ensaios: uma ética para uma modernidade inactual", Actas do *Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*. Vol. I, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, p. 379-390.

Fernandes, H. J. de B., Da Psicologia para a Epistemologia – o Humanismo Criativo de António Sérgio. Homenagem a António Sérgio, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1976, pp. 71-122.

Figueiredo, M. P., Cartas Inéditas da Juventude", "Dossier Sérgio" (1883-1983), J.L., Jornal de Letras, Artes e Ideias, n.º 57, 26 de Abril, 1983.

Forjaz, J. e Noronha, J. F., *Os Luso-Descendentes da Índia Portuguesa*. 2.ª edição (3 volumes), Lisboa, Fundação Oriente, 2003.

França, J.-A., *Hommage à António Sérgio*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais. pp. 25-26, 1984.

Franco, M. P. F. S., Da Juventude de António Sérgio. Algumas cartas inéditas. Separata de "António Sérgio". Número especial da Revista de História das Ideias, n.º 5, 2.º volume, Coimbra, Faculdade de Letras. pp. 785-937 (1983).

Franco, M. P. F. S., António Sérgio e Coimbra. Separata da Revista de História das Ideias, n.º 6, Coimbra: Faculdade de Letras. pp. 417-422 (1984).

Franco, M. P. F. S., "O Espiritualismo de António Sérgio e a necessidade de investigação da Obra Sergiana". (Comunicação apresentada na Fundação Calouste Gulbenkian, por ocasião da inauguração das comemorações nacionais do 1.º Centenário do Nascimento de António Sérgio, em 3 de Outubro de 1983), Porto, Nova Renascença, Revista Trimestral de Cultura, Volume V, Abril/Junho. pp. 166-171 (1985).

Franco, M. P. F. S., *O Escultor João da Silva, grande e esquecido Ourives*.

Conferência proferida no Colóquio "Ourivesaria do Norte de Portugal", Porto, Novembro 1984, publicada in *Actas do Colóquio Ourivesaria do Norte de Portugal*. Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1986, pp. 143-152.

Franco, M. P. F. S., "Da Juventude de António Sérgio. Algumas Cartas Inéditas", Separata de "O Pedagogo António Sérgio", "Diário de Notícias", 30 de Janeiro de 1994.

Franco, M. P. F. S., Alto dos Moinhos. In Santana, F. e Sucena, E. (dir.) *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, 1994, pp. 54-55.

Franco, M. P. F. S., Casa de António Sérgio. In Santana, F. e Sucena, E. (dir.) – Dicionário da História de Lisboa. Lisboa, 1994, pp. 221-224.

Franco, M. P. F. S., Casa de António Sérgio. In Santana, F. e Sucena, E. (dir.) – Dicionário da História de Lisboa. Lisboa, 1994, pp. 234-235.

Franco, M. S., Os Descobrimentos na Arte. Conferência proferida na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, integrada no *Colóquio Os Descobrimentos – memória e projecto*, realizado de 19 a 21 de Fevereiro de 1988, Lisboa: "Diário Popular", 22, 23 e 24 de Fevereiro de 1989.

Franco, M. S., "Museum of Multiculturalism of Portuguese Origin". "The Paths of Multiculturalism. Travel Writings and Postcolonialism". Edited by: Maria-Alzira Seixo, John Noyes, Graça Abreu and Isabel Moutinho. Dias Museum (Mossel Bay), ICLA (Pretoria Congress, Unisa) and Studies on Voyage in Literature Seminar (University of Lisbon). Lisboa: Edições Cosmos, Junho 2000, pp. 415-421, 2000.

Franco, M. S., "Atentados contra a vida e a dignidade humana – A violência e as mulheres". In *Seminários Nacionais contra a Violência. Violência – Não!* Lisboa/Coimbra, Pro Dignitate/Gráfica de Coimbra, 2005, pp. 55-64.

Franco, M. S., *No 40.º aniversário da morte de António Sérgio*, Lisboa: Jornal "Público", 30 de Janeiro de 2009.

Franco, M. S., Discurso de despedida da deputada parlamentar Matilde Sousa Franco, no final da legislatura, Lisboa, Diário da Assembleia da República, X Legislatura, I série, 4.ª sessão legislativa, 105, 24 de Julho. pp. 50-52, 2009.

Franco, M. S., Depoimento da deputada Matilde Sousa Franco sobre o Padre Manuel Antunes. In *Manuel Antunes. Obra Completa do Padre Manuel Antunes, SJ. – Biografia Ilustrada*, t. VII. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

Franco, M. S., Sentido democrático da vida e do ensino. In José Eduardo Franco (Org.). Um Pedagogo da Democracia. Retratos e Memórias sobre o Padre Manuel Antunes, SJ. Lisboa, Gradiva, 2011, pp. 385-388.

Franco, M. S., No centenário da "Educação Cívica" de António Sérgio, proposta de Educação para a Felicidade". Comunicação apresentada na Sessão de Homenagem a António Sérgio, Liceu de Camões, Lisboa, 2 de Dezembro de 2015. (Publicada in: site da CASES, Cooperativa António Sérgio para a Economia Social http://www.cases.pt, e em: www.academia.edu).

Franco, M. S., Urge educar para a paz, no Ano Internacional do Entendimento Global. Publicado em "Observador", 17 de Maio de 2016, https://observador.pt/opiniao/urge-educar-paz-no--ano-internacional-do-entendimento-global/.

Franco, M. S., Agenda 2030 da ONU: uma sugestão. "Observador", de 7 de Junho de 2016, https://observador.pt/opiniao/agenda-2030-da-onu-uma-sugestao/.

Franco, M. S., Papa Francisco e o Projecto Educação para a Paz Global Sustentável. In *A Sinfonia Universal do Amor Fraterno no Trajecto Ascensional da Humanização do Mundo – Tributo Lusíada de Jubilosa Gratulação a Sua Santidade o Papa Francisco*, Fernando Paulo do C. Baptista (eds), Lisboa, Edições Piaget, 2017, pp. 500-503.

FRANCO, M. S. (2017, 16 de Agosto). UNESCO – Educação para a Paz Global Sustentável. "Observador", https://observador.pt/opiniao/unesco-educacao-para-a-paz-global-sutentavel/.

Franco, M. S., Museu da Interculturalidade de Origem Portuguesa, e não Museu das Descobertas. "Observador", de 24 de Março de 2018, https://observador.pt/opiniao/museu-da-interculturalidade-de-origem-portuguesa-e-nao-museu-das-descobertas/.

Franco, M. S., Interculturalidade de origem portuguesa como Património Mundial, e mais elementos e sugestões para esse museu. "Observador", de 9 de Abril de 2018, https://observador.pt/opiniao/interculturalidade-de-origem-portuguesa-como-patrimonio--mundial-e-mais-elementos-e-sugestoes-para-esse-museu/.

Franco, M. S., Academia Portuguesa da História apoia "com o maior entusiasmo" o Museu da Interculturalidade (e não o Museu das Descobertas). "Observador", de 3 de Maio de 2018, https://observador.pt/opiniao/academia-portuguesa-da-historia-apoia-com-o-maior-entusiasmo-o-museu-da-interculturalidade-e-nao-o-museu-das-descobertas/.

Franco, M. S., Museu Portugal Global, e não Museu das Descobertas/Viagem. "Observador", de 19 de Junho de 2018,
https://observador.pt/opiniao/museu-portugal-global-e-nao-museu-das-descobertas-viagem/.

Franco, M. S., Portugal Global como Património Mundial e título de museu. "Observador", de 28 de Junho de 2018,
https://observador.pt/opiniao/portugal-global-como-patrimonio-mundial-e-titulo-de-museu/.

Franco, M. S., Língua, interculturalidade e Descobrimentos portugueses como Património Mundial. "Observador", de 18 de Julho de 2018,
https://observador.pt/opiniao/lingua-interculturalidade-e-descobrimentos-portugueses-como--patrimonio-mundial/.

Franco, M. S., Urge cultivar a paz em nós e no mundo (Comunicação aquando do lançamento oficial da Cátedra UNESCO Educação para a Paz Global Sustentável). "Observador", de 21 de Setembro de 2018,
https://observador.pt/opiniao/urge-cultivar-a-paz-em-nos-e-no-mundo/.

Franco, M. S., Focos de tensão intercultural e prevenção e manutenção da paz, através de três sonhos pessoais: Educação para a Paz Global Sustentável, Museu Portugal Global e Língua, Interculturalidade, Descobrimentos e influência de Portugal no Mundo como Património Mundial. Escrito para o handbook da Cátedra UNESCO Educação para a Paz Global Sustentável, 2018. *(não publicado)*

Franco, M. S., "De Fulbrighter (1984) a ideóloga de museologia/patrimologia interculturais, propiciadoras de paz". In P*rograma Fulbright: Volume Comemorativo*, M. Laura Bettencourt Pires (Coord.), Lisboa, Colibri, 2019, pp. 85-98.

Franco, M. S., "Musealizar a presença de Cristóvão Colombo em Portugal". In. *Almirante Colon: Um Feito no Ponente*, Carlos Calado (Coord.), Lisboa, Chiado Books, 2019, p. 170-209.

Franco, M. S., Nota finale. In António Sérgio. Saggi. Scritti di Cultura e Storia del Portogallo. Milano: Meltemi editore. pp. 99-103, 2021.

Franco, M. S., "António Sérgio (1883-1969) e o quarto nobre vector da utopia sergiana". In *Utopia da fraternidade universal em Rainha Santa, Festas do Espírito Santo e António Sérgio. Utopia Global do Espírito Santo*, Volume III, Santidade, Instituições e Património, Coordenação científica José Eduardo Franco e António Manuel Ribeiro Rebelo. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, pp. 244-260.

Franco, M. S., "Portugal Global. Um inovador e pacificador conceito de "Museu da Interculturalidade" e Língua, interculturalidade e Descobrimentos portugueses como Património Mundial. Separata de Repensar Portugal, a Europa e a Globalização. Saber Padre Manuel Antunes", SJ – 100 Anos, Coordenação científica José Eduardo Franco e Guilherme d' Oliveira Martins, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 921-936, 2022.

Ganho, M. De L. S., António Sérgio: "Um Excitador de Intelectos*?". Actas do Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. I., Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, pp. 341-346.

Gonçalves, J. A., Educação Cívica segundo António Sérgio: Sua Actualidade. Lisboa, Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo (INSCOOP), 2003.

Hameline, D. e Nóvoa, A., Autobiografia inédita de *António Sérgio – Escrita aos 32 anos no Livre d' Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève)*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 29, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Fevereiro, pp. 141-177 (1990).

Henriques, N. G. e Henriques, M. G., Gorjão Henriques, 2 volumes. S/ local, Carvalho e Simões, Ld.ª, 2006.

Marques, A. H. De O., *António Sérgio, Historiador (Despretenciosos informes)*. O tempo e o modo, Revista de Pensamento e Acção, n.º 69-70, Lisboa, pp. 303-310, 1969.

Matos, A. C., Bibliografia de António Sérgio. Separata de "António Sérgio". Número especial da Revista de História das Ideias. N.º 5, 2.º volume, Coimbra, Faculdade de Letras. p. 1025-1107, 1983.

Matos, A. C., *"Diálogo" com António Sérgio (1883–1969)*. 2.ª edição revista e aumentada, Lisboa, Editorial Presença, 1989.

Matos, A. C., *Agostinho da Silva e Vasco de Magalhães-Vilhena entrevistados sobre António Sérgio*. Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

Medina, J., Matos, S. C. e Ventura, A., *Estudos sobre António Sérgio, Lisboa*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade de Lisboa, 1988.

Moreira, I., "Conceito e fins da Educação em António Sérgio". Actas do *Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. II., Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, pp. 27-40.

Nóvoa, A., Sousa, A., *Dicionário de Educadores Portugueses*. (Dir. de António Nóvoa), Porto, ASA Editores, pp. 1291-1300, 2003.

Nóvoa, A. & Sousa, L., *Dicionário de Educadores Portugueses* (Dir. António Nóvoa), Porto: ASA Editores. pp. 1300-1301, 2003.

O Livro dos Vice-Reis da Índia d'El-Rei D. Carlos I. Aguarelas de Manuel Gomes da Costa. Lisboa, Chaves Ferreira – Publicações, S.A., com o patrocínio da Fundação Cidade de Lisboa e do Banco Nacional Ultramarino, 1991.

Paszkiewicz, C. de S. E., "Actualidade do Pensamento Pedagógico de António Sérgio", Actas do *Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. II., Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, pp. 19-26.

Patrício, M. F., "O Pensamento Pedagógico de António Sérgio", Actas do *Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. I., Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, pp. 31-54.

Santos, F. P., António Sérgio: Réformateur de la Mentalité et Réformateur Social. Hommage à António Sérgio. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, pp. 37-51, 1984.

Seabra, J. A., "António Sérgio ou a razão polémica", Actas do *Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. II., Lisboa, Universidade Católica, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, pp. 329-341, 2004.

Sérgio, A., *Da Natureza da Affecção. Ensaios de Psychologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913.

Sérgio, A., *Prosa Doutrinal de Autores Portugueses*. 2,ª edição, Lisboa, Portugália Editora, 1965.

Sérgio, A., *Ensaios I a VIII*. Edição crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão, (vol I, 1.ª edição, em 1920), Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1971-1974.

Sérgio, A., *Ensaios sobre Educação*. Prefácio de Manuel Ferreira Patrício, Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2008.

Sérgio, A., *Educação Cívica*, 4.ª edição, Edição do Centenário, Lisboa: CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social, 2015.

Sérgio, A., Saggi. *Scritti di Cultura e Storia del Portogallo*. Milano, Meltemi editore, 2021.

Sérgio, L., *O Método Montessori. Com uma advertência de António Sérgio*. Biblioteca de Educação, Porto, Edição da "Renascença Portuguesa", 1915.

Serrão, J., António Sérgio, o Educador. O tempo e o modo, Revista de Pensamento e Acção, n.º 69-70, Lisboa, pp. 242-249 (1969).

Serrão, J., O Lugar da História no Pensamento de António Sérgio. Homenagem a António Sérgio, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa. pp. 45-52, (1976).

Serrão, J., *António Sérgio, uma antologia. Selecção, introdução e notas de Joel Serrão*. Lisboa, Livros Horizonte, Ld.ª, 1984.

Silveira, A. da, *Recordando António Sérgio, com forçados excertos autobiográficos e diversos comentários inactuais. Homenagem a António Sérgio*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, pp. 13-37, 1976.

Soveral, E. A. de, *O Pensamento de António Sérgio. Síntese Interpretativa e Crítica*. Porto, Granito, 2000.

Teixeira, A. B., "António Sérgio, Filósofo", Actas do *Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. I., Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, pp. 15-30.

Teixeira, A. B., Palavras do Representante da Comissão Científica do Colóquio, Actas do *Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. II., Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, pp. 343-344.

Teixeira, P.e Manuel, Toponímia de Macau. Ruas com Nomes de Pessoas. Rua do Almirante Sérgio, Vol. II, Macau, Imprensa Nacional, pp. 49-86, 1981.

Valente, V. P., António Sérgio de Sousa: Uma Revolução Interior. O tempo e o modo, Revista de Pensamento e Acção, n.º 69-70, Lisboa, pp. 261-302 (1969).

Veríssimo, A., "Formas de Cultura e de Modernidade em António Sérgio", Actas do *Colóquio António Sérgio: Pensamento e Acção*, Vol. I, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004, pp. 439-463.

A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.